



EDITORIAL

Os nossos serviços de Correios

O que se passa com os serviços dos Correios, em Espinho, faz-nos pensar.

O serviço há muito tempo que é exageradíssimo para o número de funcionários existentes. As bichas formam-se e nunca mais se desfazem. São horas de paciente espera, horas enervantes para quem trabalha e para quem tem necessidade de utilizar esse trabalho. E há grandes partes de cada dia em que é impossível entrar no local e ter a esperança de ser atendido.

Sabemos que se encontra prometida a construção de um novo edifício, sendo justo esperar que, quando a construção se fizer, as instalações existentes se mantenham a funcionar também.

Mas, sem querermos saber, por agora, quando estará pronto o novo edifício temos o direito de perguntar: quando se iniciam as obras? Porque razão se não abrem em Espinho — Cidade outras instalações, de modo a servir o público? Que esperam os dirigentes responsáveis para dotarem Espinho — Cidade de mais pessoal e para proporcionar a esse pessoal condições humanas de trabalho?

Entre os sectores da economia nacional onde mais se sente a crise que atravessamos, a construção civil ocupa lugar especialíssimo. Há necessidade de investir e de dar trabalho às centenas de milhar de desempregados da construção. Mas, o que impede que se inicie a construção da falada estação dos correios?

Sabe-se, por outro lado, das centenas de milhar de desempregados e dos inúmeros funcionários dos correios retornados, ou refugiados das ex-colónias, que aguardam a todo o tempo colocação e que custam ao Estado, a todos nós, centenas de milhares de contos. Porque se não dá emprego a essa gente, começando por criar em Espinho os postos de trabalho necessários?

Será justo que continue a exigir-se ao povo de uma cidade inteira que se dirija a um só local de resto exíguo, e se acumule aí para poder utilizar um serviço público, de que não pode prescindir?

Agora, que todos os portugueses são progressistas, não haverá nenhum responsável de cima ou de baixo, que deite uma olhadela para quanto se passa com os serviços dos correios em Espinho?

Pela nossa parte, hoje como sempre, alertamos quem pode e deve agir. E ficamos à espera de que uma alma caridosa nos atenda e crie, JÁ, novos postos de correios em Espinho, a norte e a sul, do modo a poder bem servir-se toda a gente como se impõe. O pedido, assim formulado, mais não é do que a reclamação de um direito que à nossa terra assiste.

AMADEU MORAIS

Com toda a franqueza — e eu ainda alvitrei a ideia — a minha vontade era, após o regresso, ter organizado uma, ampla e aberta, «mesa redonda», para corresponder às solicitações de tantas, e tantas, pessoas que têm abordado os membros da comitiva interessadas em saber coisas. Era uma maneira democrática de se dialogar, pois, para mais, a comitiva teve o condão de integrar pessoas de plurifacetados estratos sociais, de diversificadas tendências políticas e, também, de profissões e idades diversas.

Evidentemente que não seria possível furtarmo-nos ao «perigo» do surgir dos fanatizados ou profissionalizados da política, de uma ou de outra cor, para quem a verdade e a realidade dos factos são, apenas, aquelas que lhe dão jeito ou conveniência, de molde a defenderem, intransigente e despoticamente, as suas convicções, a

calque, por forma a, onde for aplicada, se atingir um estágio de felicidade geral completa, pois, mesmo eles, estão longe de o alcançarem. Basta ouvi-los e ver-se.

Indubitavelmente que existem coisas boas para copiar, para integrar na nossa sociedade, como se deparam outras cuja viabilidade de introdução é nula ou não interessa. Aliás, foi-me afirmado que o socialismo, do qual andamos atrás, não pode desconhecer as nossas próprias características e o nosso «modus-vivendi», nem tão pouco deve ser imposto ditatorialmente, mas conquistado e a servir a vontade da maioria. De resto, não acreditam, relativamente a nós, que seja possível meter cá um tipo de socialismo igualzinho ao deles, a não ser pela força, porquanto não temos as mesmas bases operárias, as mesmas características humanas e racionais, o mesmo contexto geopolítico.

REFLEXÕES À VOLTA

por CARLOS SÁRRIA

maioria das vezes adquiridas através de quanto são obrigados ou têm interesse em absorver.

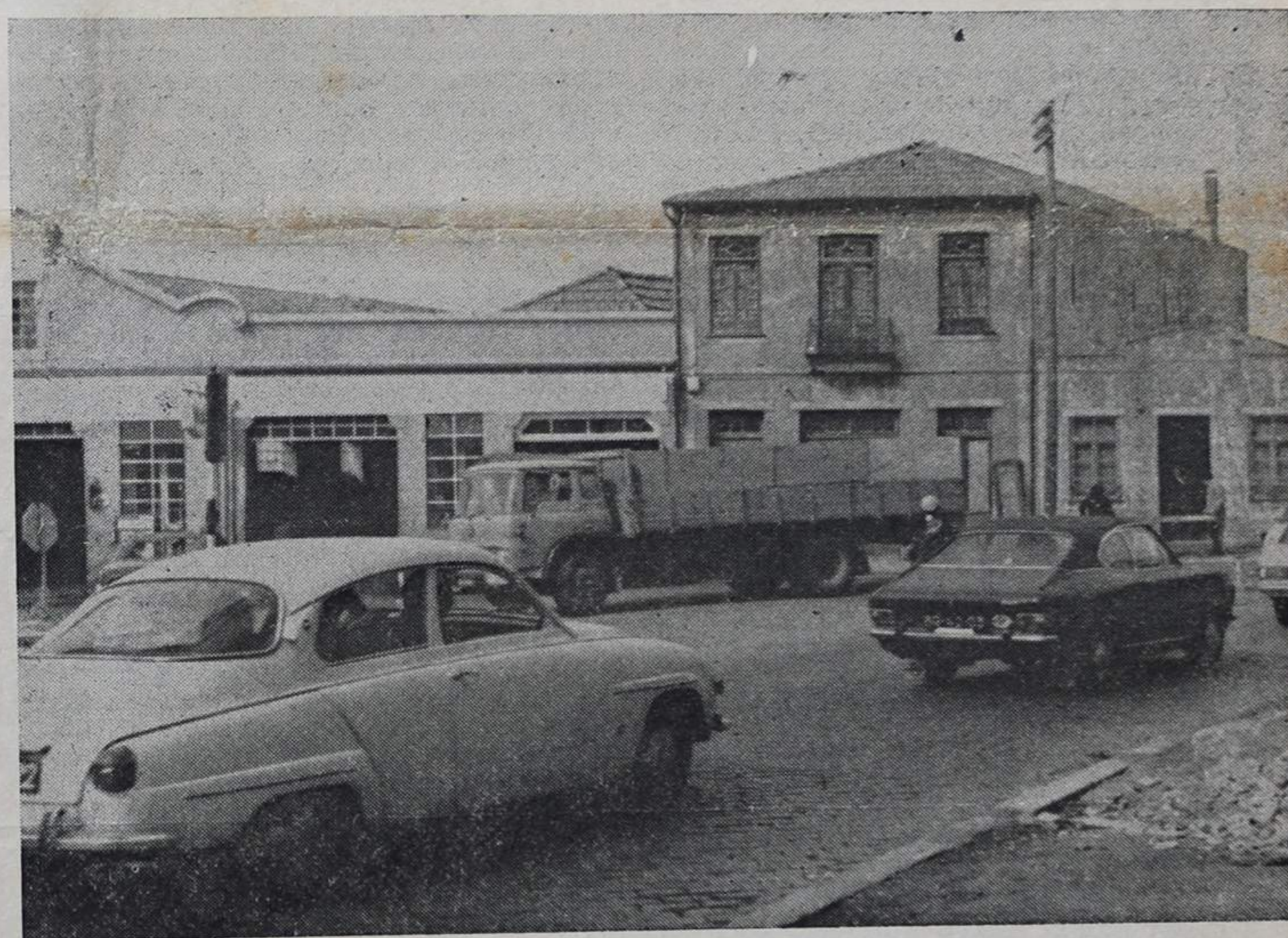
Para desiludir, à partida, os apaniguados de cores diferentes, daqueles que são incapazes de se manter num são equilíbrio, vendo, ouvindo ou lendo, com os sentidos sintonizados correctamente, devo acrescentar que, por exemplo, relativamente, à Checoslováquia não vi comer crianças — e era pena, pois são giras como as nossas e têm olhos claros bem bonitos —, nem matar velinhos, com injeção atrás da orelha. Talvez fosse época de defeso, pois tanto umas, como outros, andavam por lá à vontade. Em contrapartida, por tudo quanto me foi dado ver, e sobretudo ouvir, através de algumas horas de conversa aberta com pessoas idóneas e conscientes, posso extrair a conclusão que aquela ainda não é a sociedade-modelo, capaz de ser apontada como figurino para copiar a de-

Quando, em face disso, jogamos com a hipótese duma social-democracia, escutamos, com frio realismo e perfeita identidade, que o nosso sistema será pautado pelo bloco mundial onde nos inserimos, tal como acontece com eles próprios, pois, países como os nossos, são simples «marionettes» ou «peões de xadrez», mexidos ou jogados, directa ou indirectamente, pelos dois grandes blocos da política mundial, consoante os interesses em jogo.

Por isso, causou-lhes surpresa o facto de afirmarmos que os nossos políticos, e não só, quando regressam de visitas a outros países, sobretudo onde há sistemas socialistas, declaram invariavelmente à chegada que o sistema que viram é o figurino a impor entre nós. Reargumentam que devemos construir o nosso próprio socialismo, mas dentro das verdadeiras realidades.

(Conclui na pág. 2)

VISOR



Eis-nos a desfazer um vulgaríssimo engano tipográfico (até insidiosamente explorado) que sucedeu na última «DE». A gravura de cima é que é a de Bratislava, para a legenda (já publicada) de «Uma das ruas do centro comercial de Bratislava em pleno sábado de manhã. Outro contexto sócio-político, conseqüentemente outra espécie de sociedade de consumo e, daí, pleno centro de comércio com aspectos diferentes, apesar de ser um dia, sem trabalho, e lá como cá, consignado às compras. A de baixo, a que saíu, só um «cego» (e não há pior «cego»...) não via que era de Espinho. Nem podia ser de Bratislava. Lá o trânsito é ordenadíssimo. Cá — e, logo naquele nó das ruas 62 e 24! — é um caos! Diferenças entre Bratislava e Espinho. Uma a favor de cá. Outra a favor de lá. Isto para quantos conseguem ver e não imaginar ou inventar!

NESTE NÚMERO:

CADA QUAL COM A SUA OPINIÃO	Pág. 4
DESAFIO AO EMIGRANTE	Pág. 6
«ENTRE ASPAS»	Pág. 6
DESPORTO. INTERVALO	Pág. 9
ÚLTIMA PÁGINA	Pág. 10

Cada qual com a sua opinião

Esta secção visa reproduzir a opinião dos leitores, que não será, necessariamente, coincidente com a do Jornal. Esta correspondência, presume-se dentro dos parâmetros da Lei da Imprensa e das directrizes do Jornal.

QUAL SANEAMENTO?

Em meados de Julho de 1975, foram dados por terminados os trabalhos de saneamento do BAIRRO MELO, no Lugar de Sales, freguesia de Silvalde, que é constituído por oito casas.

Até à presente data as ligações das habitações ao referido saneamento, bem como o equipamento dos quartos de banho, e ainda as ligações interiores da água da companhia, não foram executadas, mantendo-se a situação antecedente, com todos os inconvenientes que escusamos de enumerar.

Somos levados a concluir que existe uma falta de eficiência por parte das autoridades competentes, mais propriamente dos Serviços Municipalizados e do Delegado de Saúde.

Confiem os signatários que a notícia que solicitamos seja publicada e alerte aquelas entidades para que seja ultimado o serviço em suspenso.

Espinho, 29 de Fevereiro de 1976.

Um Grupo de Moradores

HISTÓRIA DE JARDIM ESCOLA

Na «DE» de 24.1.76 mais uma vez e sob a capa do «Jardim Escola» são feitas considerações a meu respeito.

Porém, não encontrei a resposta concreta que pretendi no meu anterior artigo «DE» de 31.12.75 ou seja:

— Quais os pontos que, por terem sido por mim incorrectamente postos aos leitores, devem ser esclarecidos em mesa redonda.

O artigo do jornal de 24 de Janeiro já referido, transcende já bastante o anterior articulado do Snr. Padre Saúl, que dizia:

— Quero dar ao Senhor a oportunidade de dizer na cara das pessoas aquilo que tão à-vontade tem referido nos seus artigos.

E como era só sobre isso (dos meus artigos) que eu pretendia dar esclarecimentos AOS LEITORES, pela minha parte creio ser preferível pôr ponto final no assunto.

Antes, porém, quero afirmar que o discutido Jardim Escola foi uma iniciativa do Clube Recreativo e Cultural de Paramos para a qual foi solicitada a colaboração de pessoas e entidades não sócios do Clube. Foi um Jardim Escola da Colectividade, ajustado por forma a ficar aberto a todas as crianças e nunca deixou de estar, mesmo até independentemente dos pais poderem ou não contribuir com qualquer mensalidade.

Por essa razão era à massa associativa e aos pais das crianças que o frequentaram que competia julgar a maneira como a direcção (a que eu presidia) o administrava.

E porque tal julgamento foi feito em várias Assembleias Gerais, as quais felizmente contavam sempre com a presença de bastantes dezenas de interessados, não terá a Colectividade dificuldade em poder cumprir (perante quem entender) o dever de responder às pessoas e crianças de Paramos sobre como foi orientado o Jardim Escola.

Estou convencido de que se me arredar desta questão a Colectividade será menos afectada, porque embora o alvo visado seja eu, o pretexto tem sido uma iniciativa que continuo a considerar impar em prol das crianças desta freguesia, para a qual dei o meu contributo, mas que pertence ao Clube Recreativo e Cultural de Paramos.

Para comprovar a desnecessidade da minha interferência pessoal quero acrescentar que a direcção da Colectividade apresentava relatórios escritos sobre a sua administração. Também para dar aos leitores (porque é para eles que escrevo) uma ideia da dedicação da Direcção que administrou o Jardim Escola, designadamente sobre a parte que me toca, vou transcrever uma pequena parte duma acta da Assembleia Geral, que a certa altura diz:

— O Snr. Augusto Gomes da Silva Presidente da Assembleia Geral lembrou que havia um relatório da direcção para ser lido e que provavelmente viria esclarecer dúvidas levantadas. Após a leitura de todos os dados o relatório, muito bem servido com gráficos, mereceu a admiração e aprovação incondicional de todos os presentes — e mais adiante — Interpretando o sentir da Assembleia o Snr. Domingos Vieira de Castro propôs então que fosse louvado o Snr. Domingos Marques Monteiro, Presidente da Direcção pelo muito esforço e dedicação dispensados em prol da Colectividade. O Snr. Augusto Pereira dos Santos cuja experiência directiva é bastante longa, disse ter conhecido bons presidentes, mas nunca nenhum que tanto se tivesse dedicado pelo que pedia fosse considerado como sócio exemplar. Ambas as propostas de louvor vieram a ser aprovadas.

Pretendo também fazer uma pequena referência face à última parte do artigo no que se refere às muitas iniciativas que tenho empreendido, dos cargos que tenho desempenhado e dos sucessos alcançados.

É verdade que não tenho conseguido concretizar a quase totalidade das minhas mais recentes iniciativas e já me convenci que será muito difícil que qualquer iniciativa, por mais importante que ela seja, atinja o pleno êxito desde que eu esteja nela directamente envolvido. Isto não é colocar-me na posição de vítima, antes pelo contrário, porque nunca me envolvi em assuntos colectivos com o objectivo principal de tirar proveitos para mim e como também muito se tem feito ultimamente para dispensar a minha colaboração, até passarei a ter mais possibilidades de me dedicar doutra forma aos meus afazeres de interesse próprio, o que só me beneficia.

Paramos, 16 de Fevereiro de 1976.

DOMINGOS MARQUES MONTEIRO

NOTA — Com a carta deste antigo colaborador da «DE» que, entretanto, apresentou o seu pedido de demissão, damos por encerrado o assunto que levantou controvérsia entre o próprio e o Sr. Padre Saúl e, portanto, a partir deste momento, a dissidência de ideias, ou pontos de vista, entre os visados será questão para esclarecer entre eles.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

MÚSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS:

— TROUP GROUP SHOW
— SURPRISE

VARIEDADES

— ARGENTINE FOLLIES BALLET

— DUO LANKA

Acrobatas suíços

— ROSITA AFONSO

cançonetista portuguesa

RESTAURANTE

Jantares concerto — Esmerado Serviço

no

SALAO RESTAURANTE

★ SLOT-MACHINES

CINE-TEATRO

SESSÕES TODOS OS DIAS

LUSOTUFO

Tapetes • Carpetes • Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

DROGARIA

BAPTISTA

EDUARDO REIS BAPTISTA

Rua 23, n.º 240

ESPINHO

Produtos de Beleza do
Dr. N. G. Payot - Grande
sortido em perfumarias
Nacionais e Estrangeiras

Telefone, 920467



O máximo em qualidade!

Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

SNACK
BAR

S. PEDRO

RESIDENCIAL PORTO

Aberto toda a noite com cozinha permanente

1.ª Classe

Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

Confeitaria PONTO CHIC

Fabrico diário de toda a variedade de pastelaria — Rissóis variados, pastéis de carne, bola de Vila Real — Todos os Sábados BOLO REI — Especialidades Regionais —

Rua 19, N.º 172 — Telef. 922243

ESPINHO

OBJECTIVO — 4

Eram 2 horas da madrugada. Do sábado último. Uma farmácia de serviço. Toque da campainha. O farmacêutico veio atender. Espreita. O utente não tem agente de autoridade com ele. Informa que, assim, não poderá atendê-lo. O utente mostra receita. Exaspera-se. Berra. Bate e empurra a porta. Nada suavemente. Teria as suas razões. Os seus nervos. Acaba por ir chamar a autoridade. E, depois, claro, é atendido. Como determina a tomada de posição das farmácias, após o assalto que uma delas foi vítima. Foi o primeiro «choque», depois das farmácias só atenderem (volvidas as 24 horas) com a presença da autoridade. Autoridade que tem dado perfeita colaboração. E, de resto, será discutível o sistema, porém já foi copiado por muitas outras cidades. Portanto, os utentes que sabem da determinação, só têm uma coisa a fazer: cumprir e não reagir mal! E, quando for, de facto, de urgência mesmo justificável, recorrerem aos serviços hospitalares.

«O NOSSO CAFÉ»

Convocatória da Assembleia Geral Ordinária

Nos termos da Lei e do Artigo 32.º dos Estatutos, são convocados os Senhores Accionistas da SOCIEDADE COOPERATIVA CAFEIEIRA DOS CEM, S.C.A.R.L., para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, a realizar na sua Sede Social, sita à Rua 8 n.º 603, em Espinho, no dia 27 de Março de 1976, pelas 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DA NOITE

- 1.º — Meia hora para discutir qualquer assunto que interesse à Sociedade.
- 2.º — Apreciar, aprovar ou alterar o Relatório, Balanço e Contas, apresentadas pelo Conselho de Administração, relativas ao Exercício de 1975 e Parecer do Conselho Fiscal.

No caso de a Assembleia não poder funcionar à hora indicada por falta de número suficiente de Accionistas, reunirá uma hora depois, com qualquer número de Accionistas.

Espinho, 5 de Março de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral,
Carlos Vieira Pinto Júnior

OBJECTIVO — 5

Num estabelecimento cá da cidade. Da zona abaixo da linha. Uma senhora, idosa, foi comprar um quilo de açúcar. O merceiro pediu-lhe 22\$50! Tabela antiga, pois. Ripostou a cliente. Defendeu que açúcar estava, há muito, a 19\$50. Mas não era amnésia ou distração do comerciante. Veio a afirmativa de que (ele) só o vendia a 22\$50. Não estava para perder dinheiro! Moral da história: deve ter açambarcado, está a especular e ainda não passou lá a competente fiscalização! Não seria, também, de perguntar ao cavalheiro se, quando o açúcar subiu, ele se preocupou em vender o que lá tinha em casa, ao preço antigo? Em saldo!

O VALOR DA IMPRENSA REGIONAL

SALIENTADO NA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

«A Imprensa Regionalista está em aflitiva crise, em risco de desaparecer.

Não porque falte quem deseje continuar a dar-lhe a sua colaboração dedicada e desinteressada, servindo-se da força moral que sempre advém do amorismo e bairrismo.

São, sim, razões económicas que estão a asfixiar a Imprensa Regionalista!

Se nunca ela fez enriquecer ninguém nem sequer viver desafogadamente, o certo é que, desde o aumento de quase 2.000 por cento das taxas postais de expedição dos jornais muito mais se agravou a sua situação.

Não bastam já os enormes encargos da mão-de-obra, do custo do papel, etc.!

Alguns desses jornais de província — quantos deles com uma longa existência — ao serviço de uma causa essencialmente social — suspenderam já a sua publicação; outros vão fazendo esforços para sobreviver.

A Associação da Imprensa Não Diária e os próprios periódicos dirigiram apelos dramáticos aos anteriores ministros da Comunicação Social e dos Transportes e Comunicações, para que ajudassem a resolver o grave problema da Imprensa Regional, mas sem êxito!

São centenas de jornais que continuam ameaçados de morrer!

E são também milhares de artífices gráficos que correm o perigo de ficar sem trabalho, pois, como se sabe, são esses jornais existentes nas pequenas terras da província, que, quase sempre, constituem o principal sustentáculo das tipografias que os compõem e imprimem e que também elas próprias estão em grave crise.

A Imprensa Regionalista bem merece que o Governo lhe dispense protecção, estabelecendo um conjunto de medidas que facilitem a sua vida.

E, para já, impõe-se que acabem essas exorbitantes taxas postais, que parece terem surgido como fazendo parte de um plano para matar aquela sempre sacrificada Imprensa».

(Palavras do deputado Melo Biscaia)

«LEIA E ASSINE A DEFESA»

MARMORES E GRANITOS

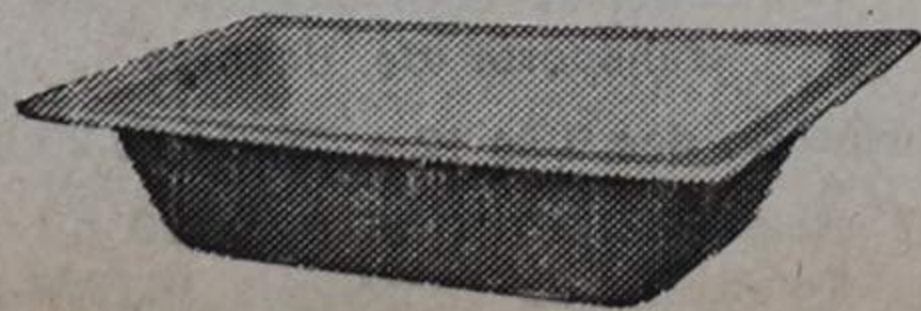
MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de
VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

Metalúrgica Recor S.A.R.L.



FABRICANTE DE BANHEIRAS DE FERRO FUNDIDO E ESMALTADO
MOBILIÁRIO METÁLICO PARA
QUARTOS DE BANHO, MÁQUINAS
DE FURAR E TORNOS DE
BANCADA

ARRIFANA — FEIRA

TELEF.: 23155/6

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL — R. D. A.

TEATRO MUNDO JÓVEM

DE

LEIPZIG — RDA

ESPECTÁCULO MUSICADO

"O SOL BRILHARÁ SEMPRE"

CANÇÕES E PEÇAS DE AUTORES INTERNACIONAIS:

GARCIA LORCA — BRECHT — JORGE AMADO e SARTRE

Espectáculo para crianças, jovens e adultos

PREÇOS POPULARES

No TEATRO S. PEDRO — Segunda-feira, dia 15, às 21,30 horas

CORFI — Organizações Industriais
Têxteis Manuel de Oliveira Violas,
S. A. R. L.

SILVALDE — ESPINHO

Convocatória

Convoco, nos termos do disposto no artigo 24.º dos Estatutos, os Srs. Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária no dia 30 de Março de 1976, pelas 21 horas, na sede social, no lugar de Santa Cruz, freguesia de Silvalde, concelho de Espinho, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º) Discutir, aprovar ou modificar o relatório e contas da Administração e o parecer do conselho fiscal relativamente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975;
- 2.º) Eleição de novos órgãos sociais;
- 3.º) Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Silvalde-Espinho, 23 de Fevereiro de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral,
Amadeu Alves Moraes

STE — SOCIEDADE TURISMO
DE ESPINHO, S. A. R. L.

SEDE EM ESPINHO

Convocação

Pela presente, são convocados os Senhores Accionistas a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, pelas 11 horas do dia 23 de Março de 1976, no Hotel Praiagolfe, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º) Discussão, aprovação ou modificação do relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1975;
- 2.º) Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1976 a 1978.

Porto, 23 de Fevereiro de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral,
(em representação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Espinho)

Jerónimo Ferreira Reis

TERRENO

VENDE-SE, no Lugar da Estrada, Anta, para cultura ou construção, bem situado.

Falar com Daniel da Silva Duas

VENDE-SE

MAQUINA DE TRICOTAR

MARCA «BUSCH»

Em óptimo estado

Telefone, 967515

UMA CIDADE LIMPA
É TRABALHO PARA TODOS

INTERVALO

Carlos Lopes venceu o «Cross das Nações». Vitória retumbante, que nos fez embandeirar de orgulho. Orgulho desportivo, orgulho nacional. Carlos Lopes venceu e provou que os portugueses também podem ganhar as grandes competições internacionais. Seja do que seja. Até para lá do hóquei em patins. De fraca implantação mundial.

A vitória do excelente atleta, em nada nos admira. Mais, o triunfo conseguido, um dos mais significativos do desporto português, confirma a nossa óptica sobre desporto. Óptica corrigida, melhor, actualizada, após a recente visita à Checoslováquia. E o triunfo do magnífico fundista «leonino» corrobora-a.

Na realidade, na alta competição, na competição de determinado nível, grau ou bitola dentro dos parâmetros internacionais, só é possível triunfar-se, ou conseguir classificações de nomeada, através de certo tipo de «amadorismo».

Essa coisa de, a boa maneira portuguesa, pelo menos na generalidade, um sujeito treinar, apenas, algumas poucas horas por semana, nos intervalos das suas ocupações, não conduz a sítio nenhum. Melhor, bastará talvez se o indivíduo for um fenómeno ou, pelo contrário, se competir, com o fito único de fazer desporto pelo desporto.

Carlos Lopes venceu. Ele é amador. Ele possui condições natas para ser um grande atleta. Mas, para o ser, Carlos Lopes passou à categoria de «amador» especial. Não queremos afirmar que seja profissional encapotado de atletismo, como haverá milhentos lá fora, quer nos países socialistas, quer nos países capitalistas. Do tipo do voleibolistas ou futebolistas eslovacos, como (aqui) apontamos a semana finda. Do tipo dos atletas russos, alemães, e americanos (e outros) que nos pasmam com as suas grandes «performances».

O magnífico atleta português, com o fito nos Jogos Olímpicos do Canadá, passou a ter uma preparação especialíssima. Facilidades especialíssimas. Horários, do seu trabalho profissional, especialíssimos. Cuidados médico-alimentares especialíssimos. Treinos especialíssimos. Enfim, passou a ser um privilegiado do desporto.

Mas, de facto, só assim poderá acalentar esperanças a competir, de igual para igual, com os «amadores» que defronta nas suas deslocações lá fora.

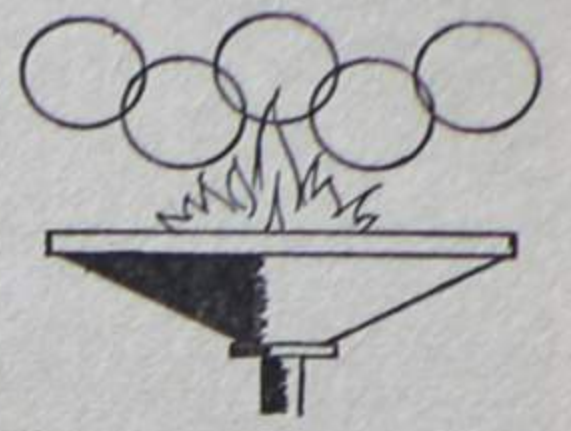
Os portugueses são da mesma massa, somente para poderem atingir o mesmo plano dos outros precisam, efectivamente, de iguais condições.

Condições que nos faltam, de base, nas estruturas, no «modus vivendi». Por isso teremos de fazer muitas correcções e opções. Massificar o desporto a nível escolar e geral. Introduzir formas racionais na nossa maneira de viver, de forma a adquirirmos horas para se fazer desporto. Fazer a opção: desporto totalmente amador, com sujeição a um nível internacional modesto, ou, a certa altura, entrar na selecção e elitização, no privilégio, constituindo-se a tal classe especial de «amadores», para se obter lá fora brilharetes e, de resto, entrarmos, declaradamente, no jogo (encapotado) que eles fazem.

A vitória de Carlos Lopes, explicou-nos bem como tem de ser. De resto, já sabíamos e estávamos melhor esclarecidos, após a ida a Bratislava. E não alinhámos mais com mistificações. Para nós há amadores e «amadores».

C. S.

DESPORTO



• DIGA DA SUA JUSTIÇA •

HÓQUEI EM CAMPO — Rescaldo de um jogo incompleto (AAE — F. C. do Porto).

Assunto: um Sr. Árbitro chamado de Faria (por baptismo) ameaçador e ditador (por deficiência educacional ou estupidez natural).

1 — O Sr. Faria, pessoa anti-sociável tem como razão forte para aplicação da sua (forte!) personalidade três cartões: — amarelo, verde e vermelho.

O amarelo é para advertências, mas um ditador (como ele) não perde tempo com chamadas de atenção; a sua consciência não é condescendente, os «monstros» gostam de sangue. Daí que o cartão amarelo (advertência) não tenha significado de existir para pessoas (com formação?) deste género. O «verde» é sinónimo de esperança, para ele significa (já!) um meio para aplicar todo o seu poderio e os primeiros ameaços com o «vermelho» que tanto adora. Este sim dá-lhe prazer, fica todo vaidoso, equivale a ganhar uma batalha. Com que ar triunfante ele o aplica! Sorriso nos lábios, ouvidos à escuta (e olhos de revés) a ver se consegue motivo para o aplicar mais vezes. O «vermelho» fá-lo «investir» prenhes de gozo, para expulsões!

Abençoado dinheiro que a Associação de Hóquei em Campo aplica neste senhor! Ele ensina, a modalidade beneficia e tem futuro com indivíduos assim!

2 — O primeiro e único cartão aplicado na 1.ª parte, foi um «verde»! Qual advertência? Isto porque o atleta José Malheiro disse que um defeso do Porto estava a fazer obstrução. Claro, o Sr. Árbitro-Cartão, aproveitou para ameaçar, logo, com o «vermelho» se alguém abrisse a boca. O «capitão» da equipa (Adérito) educadamente pediu uma explicação, que não dava! Resposta pronta e firme, se falasse mais, mostrava o «vermelho» e se necessário expulsaria toda a equipa! Isto sim, é ser ditador, merece mais ordenado! Autoridade assim é difícil de encontrar nos nossos tempos. Engraçado, este Sr. Árbitro-Cartão já nos tem beneficiado, quando estamos a perder, se tivesse consciência, com um bocadinho de esforço, chamava à sua memória o jogo Ramaldense—AAE.

3 — O 1.º golo do F. C. do Porto, o do empate e único, nasce duma falta. Bola batida, bola subida e entrada na área pelo ar. O Sr. Árbitro-Cartão, como é lógico e outra coisa não seria de esperar, não viu, enfim os árbitros não são obrigados a ver tudo.

4 — Entretanto, o tempo vai correndo e o Sr. Personalidade-Cartão ia ficando com um nervoso miudinho e apitou, apitou certo. Era canto curto contra a AAE. Bola marcada, parada e «sticada» de imediato. A bola bate no «stick» de defesa Lima e sobe. Um avançado do F. C. Porto

do Lourosa, uma equipa que não dá um palmo de terreno e «luta» tanto, ou mais, do que joga.

Portanto, nada a opor ao merecido triunfo dos homens de Lourosa, mas, apenas, a opor à descolorida e incaracterística exibição dos espinhenses, que devem ter sacrificado, em definitivo, a remota esperança de alcançar o segundo posto.

Abrantes, Gonçalves e Meireles, os mais certos duma equipa incerta, com mais um «amarelo», agora para Ribeirinho.

DESSPORTO:

uma escola da vida!

eleva o «stick» mais alto do que a cabeça, mesmo assim não toca na bola. Apito imediato. Nós os puros, julgávamos que era falta e bola de saída a favor da AAE. Mas não. O Sr. Ditador-Cartão marca «penalty» contra a AAE! Exacto.

5 — Claro, a equipa lesada não admite que se goze com o esforço de todo um conjunto e verberou o Sr. Ditador. Houve uma atitude irreflectida do guarda-redes da AAE, que se lhe atirou ao pescoço. O Sr. Ditador deu as suas ordens, aos agentes da autoridade. Prendam-me este jogador! Não há dúvida, os «criminosos» devem ser presos. Mas os provocadores ficam impunes ou merecem louvores?

6 — E pronto, o Sr. de Faria-Ameaçador-Ditador acabara com o jogo, por falta de atletas, tendo a equipa tomado conhecimento, posterior, de mais três expulsões, razão válida para dar por concluída a partida.

7 — No final do jogo entre o Serzedo e o Académico, jogado a seguir no mesmo recinto; fizemos ver a nossa intenção de protestar mais uma vez. O Árbitro — Sr. Faria, aplicou então toda a sua prepotência, dizendo que não deixava protestar, pois era o «capitão» que o pretendia fazer e ele só dava tal facilidade ao delegado. Será? E se o delegado, por qualquer motivo, tiver que se ausentar do campo, o «capitão» não representa a equipa? E o «capitão» foi eleito democraticamente.

8 — Quero deixar aqui bem vincado que vários elementos da equipa do Serzedo presentes ao nosso jogo, se ofereceram para testemunhar os acontecimentos num possível inquérito.

9 — Quero, também, registar a minha repulsa e indignação, e chamo em consciência, desonesto e mentiroso ao Sr. Cartão-de-Faria, por ele afirmar que ia escrever, no boletim, que os quatro elementos expulsos da AAE o tentaram agredir! Inacreditável!

10 — Lamento tudo o que aconteceu, pelo respeito à equipa adversária e ao Sr. Freitas, o outro árbitro. Ao perguntarmos ao Sr. Freitas, como admitia fazer dupla com o Sr. Cartão-Ditador ele encolheu os ombros!!! Acho que é um gesto que diz tudo.

Depoimento do atleta da AAE

José António da Volta Milheiro Lima

N. R. — Com o pedido de publicação, na página «Desporto», recebemos o escrito acima, o qual damos à estampa, na secção «DIGA DA SUA JUSTIÇA», aberta às opiniões desportivas de inteira responsabilidade dos seus autores, desde que, naturalmente, se identifiquem e cumpram o preceituado na Lei da Imprensa.

TELÉ VAI SER HOMENAGEADO

Telé, aquele «cara» que, quando chegou a Espinho, deu no goto dos apaniguados do futebol radicando-se na turma dos «tigres» onde permanece há três épocas, vai ter uma festa de homenagem, para uns merecida, para outros imerecida mas, na realidade, o avançado brasileiro tem procurado servir honestamente a equipa, embora a época finda e esta não tenha atingido a plenitude dos recursos que fizeram dele «vedeta» e «ídolo» na sua primeira época entre nós.

Telé será, portanto, alvo de uma homenagem na segunda-feira de Páscoa (dia 19 de Abril), fazendo parte da Comissão Promotora: Alberto Alves, José Pinho, Carlos Ferreira, José Ribeiro, Alvaro Meireles, António Ribeiro (Ribeirinho), Manuel Gomes e Fernando Jesus Alves.

O programa está, naturalmente, em elaboração, tendo como ponto principal um encontro de futebol, sendo oposta à turma espinhense uma cotada equipa portuguesa.

«PLACARD» DE RESULTADOS

FUTEBOL

(«Regionais de Aveiro»)

Juniões: Valecambrense 0 — S.C.E. 1
Juvenis: S.C.E. 4 — Beira-Mar 0
Iniciados: Bustelo 1 — S.C.E. 11
Veteranos: Beira-Mar 1 — S.C.E. 1

VOLEIBOL

(«Nacional da 1.ª Divisão»)

Seniores: Leixões 3 — S.C.E. 0

(«Regional da II.ª Divisão»)

Feminino: S.C.E. v. — Grundig f.c.
Fluvial 3 — AAE 0

(«Regional do Porto»)

Iniciados: S.C.E. 3 — Fiães 0

ANDEBOL

(«Regional da 3.ª Divisão do Porto»)

Seniores: S.C.E. 21 — Bonfim 9

S.C.E.: Pinto; Figueiredo (3), Armindo, Manecas (5), Ramiro (1), Loureiro, Alex (5); Caprichoso (4), Filipe (3), Vítor e Freire.

Jogo de revestida expectativa, entre 1.º e o 2.º classificados finalizando com a vitória concludente do SCE. A equipa fica mais próxima do título regional em disputa, perfeitamente ao seu alcance, dando o valor dos espinhenses.

HÓQUEI EM PATINS

(«Regionais do Porto»)

Iniciados: AAE 2 — Valongo 4
Infantis: AAE (A) 11 — Valongo 0
F.C. do Porto 5 — AAE (B) 2

HÓQUEI EM CAMPO

(«Regionais do Porto»)

Seniores: Perosinho 1 — AAE 0
Reservas: Académico v. — AAE f.c.

Paulo Malheiro

Futebol

2.ª DIVISÃO ZONA NORTE

LOUROSA, 3—SP. D ESPINHO, 1

(intervalo: 2—1)

SEM APELO, NEM AGRAVO!

Jogo no campo do Lusitânia de Lourosa, em Lourosa. Árbitro: José Lourenço (Braga), auxiliado por Fernando Cibrão (bancada) e Fernando Ramos (peão). Tempo: chuvoso. Espectadores: aproximadamente 3.000. Cartão amarelo: Ribeirinho (27 m.).

As equipas alinham:

LOUROSA — Jesus; Cardoso, Dinis, Sá e Castanheira; Bóia, Ramos e Ezequiel (Carneiro, aos 85 m.); Serão, Reis e Ricardo (Dias, ao 54 m.).

SP. DE ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Pinto Ribeiro; Hélder Ernesto, Meireles (Gentil, aos 60 m.) e Cila; João Carlos, Telé e Eduardo.

Marcadores: Reis (3, 42 e 69 m.) e Eduardo (31 m.).

Derrota natural dos espinhenses, ou, melhor, vitória natural do Lourosa. Uma equipa adaptada às condições do terreno, jogando com outro «élan», mais realista com o futebol a praticar na circunstância, o Lourosa veio a ganhar, sem qualquer contestação, o encontro, não deparando na turma espinhense com o comparsa capaz de lhe fazer frente.

A equipa dos «tigres», desarticulada, claudicou em demasia, não se conseguindo impor, nem encontrar o futebol para um terreno pesado, numa tarde chuvosa, como, também, não achou o antídoto para opor à forma de jogar

VÉRTICE

COCABICHICES DE UM COCABICHINHOS

Sob o título genérico «Cocabichices de um Cocabichinhos» gostaria de, longe a longe — a opinião dos leitores poderá terminar a sua periodicidade... ou a sua extinção —, lhes transmitir de maneira mais levezinha que me seja possível, precisamente as cocabichices a que se está a entregar, mercê da idade, de interesses velhos, de delusões várias, este... Cocabichinhos.

Cocabichices essas que incidirão sobretudo sobre palavras, palavrado e palanfrório, etc. E sobre tudo o que isso me suscite. Às vezes começa-se a falar de alhos e, quando vamos a dar conta, já estamos no reino dos bugalhos.

Começarei por cocabichar asneiras e barracas que se têm ouvido na Rádio e na Televisão ou lido noutros locais.

Pessoas altamente colocadas neste país — que a si próprias, ao lugar que ocupam e ao povo a quem falam devem o falar correctamente, já que erros de pronúncia, solecismos na sua boca podem parecer exemplos de boa pronúncia ou de boa sintaxe, a seguir pelo Zé — tenho eu surpreendido a dizer *cabalaria* em vez de *cavalaria*.

A troca do *v* pelo *b* é uma característica dialectal nortenha de que — como nortenho falo... — não tem que se envergonhar quem a possui na fala, mas que deve evitar quem fala para «todo o mundo» (desculpem a brasileirada).

E a dissimilação do segundo *a* de *cavalaria*, embora explicável pela abundância de *aa* (e de cavalos) na *cavalaria*, nem por isso é desculpável. Como não é desculpável a pronúncia *metrelhadora* em vez de *metralhadora* (onde está presente a *metralha*).

Há quem termine os discursos agradecendo delicadamente a atenção prestada quer pelos circunstantes, quer pelos radiouvintes, quer pelos telespectadores, mas dizendo «muito obrigados».

Errado! Quem está agradecido é um único indivíduo; está «obrigado a um certo reconhecimento, a uma certa gratidão»; por isso deverá dizer apenas «Muito obrigado».

Se não, pensar-se-á que os circunstantes é que foram obrigados, compelidos a aturá-lo.

O que não é o caso.

Também na rádio e na televisão tenho ouvido gente com largas responsabilidades dizer terríveis solecismos (acreditem que — tão caturra sou! — chego a ficar fisicamente incomodado e a rogar pragas de que um carroceiro não se envergonharia) do género de *tivésteis*, *fôsteis*, em vez de (vós) *tivestes*, (vós) *fostes*.

Claro que o erro é compreensível! As segundas pessoas do plural de um verbo regular (por exemplo o verbo (*lavar*) tem quase todas ditongos com *s* (*lavais*, *laváveis*, *lavareis*, *lavaríeis*, *laveis*, *lavásseis*), mas isso não justifica que se generalize o ditongo com *s* a formas onde ele não deve existir (caso de *lavastes* e de *lavardes*, ou de *lavai*, forma do imperativo).

Caso semelhante, (não tão facilmente detectável na rádio nem na TV, mas desgraçadamente vulgaríssimo entre gente com muitas obrigações) é o deacrescentar um *s* à segunda pessoa do plural do pretérito perfeito simples. Quantas pessoas com responsabilidades — até licenciados, até professores de Português, pasmai, ó gentes! — ouvimos nós a dizer «Tu *tivestes*», «Tu *fostes*», «Tu *viestes*», «Tu *saístes*», etc.! Claro que as segundas pessoas do singular têm *s* (*lavas*, *lavavas*, *lavaras*, *lavarás*, *lavarias*, *laves*, *lavasses*, *lavares*) mas não há que generalizar esse *s* onde ele não deve existir (caso de *lavaste* ou de *lava*, forma do imperativo).

A asneira grassa já tão intensa e generalizada, que chego a pensar se não será de alterar a gramática; se não será de eu e os caturas como eu começarmos pr'aí a dizer: «Ó Zé, *vistes* ontem o Fulano a falar na televisão?» ou «Quando *fôsteis* a Lisboa não *vísteis* por lá o Beltrano?».

Não sei! É que já não sei! Ele há uma máxima que diz: «Se não podes vencer o teu inimigo, junta-te a ele».

Mas este é um dos provérbios que eu incluo nos «provérbios da cobardia». Torço-lhe decididamente o (meu) nariz.

COCABICHINHOS

Este vai ser o meu cantinho. Cantinho extra-desportivo para dizer da minha justiça, nas colunas da «DE», O VÉRTICE das minhas ideias. E começo, precisamente, por explicá-las como «retornado» ao periódico. Retornado, claro, fora do âmbito do desporto, pois aí continuei a dar a minha modesta colaboração à equipa anterior. Agora, fui convidado para ir além disso. E aceitei. Sou livre, não tenho vinculações de qualquer espécie, a nada, nem a ninguém, gosto de escrever, da minha terra e de jornais. Porém, naturalmente, só aceitei o regresso dentro de determinados parâmetros. Ficou tudo esclarecido. A mim e ao João Quinta, caberá a orientação do jornal. Portanto, embora, inicialmente, eu tivesse defendido a ideia de suspender «DE» para reestruturação, alterei já esse ponto de vista. Vai ser mais difícil assim, mas, a prática, justifica que não se pare. Na realidade, a aceitação que o Jornal tem encontrado, não permite pensar-se em furtá-lo, durante algum tempo, aos nossos Leitores e Amigos. Para quem, afinal, é feito. Deram-nos uma prova de confiança. Demonstram-nos, assim, que a nossa linha de conduta não vai mal. De 17 de Janeiro até agora. Para nós, ainda não vai totalmente bem. Mas, lá havemos de chegar. De resto, interessa-nos, isso sim, falando em termos democráticos, corresponder à vontade das maiorias. Nunca o inverso. Pessoalmente, desde 1968, já deixei escarrapachado nestas colunas quem sou e como sou. Não mudo ao sabor de ventos. Fui, toda a minha vida, um trabalhador. Sou aberto. Procurei, sempre, pautar-me por determinadas directrizes. Tenho a Declaração Universal dos Direitos do Homem como único catecismo. Gosto da verdade. Aceito o ponto de vista contrário. Aprecio e pratico a lealdade. As «carícias» correspondo com «carícias». As «caneladas» com «caneladas». Actuarei como sempre. Aceitei o convite para regressar. Independente, tanto o podia ter feito, como não. Mas, gosto disto e deram-me garantias que, nem sempre, pude encontrar. Se um dia as coisas não correrem como devem, sairei por onde entrei. Já o fiz neste Jornal. Mais de uma vez. Voltarei a fazê-lo se preciso. Mas, por ora, interessa-me fazer, de parceria com o João Quinta, uma «DE» para agradar à maioria. Servindo a missão da Imprensa. Servindo Espinho e a sociedade. É isso que estamos a tentar. É por isso que, aos poucos, iremos reestruturar e modificar o Jornal. Para isso contamos, também, com os nossos bons Colaboradores. Espero ter-me feito entender.

C. S.

25 de Abril • Ser ou não ser uma revolução

O que foi o 25 de Abril? É iniludível que tem causado grande controvérsia o emprego do termo «Revolução» quando se faz referência a esta data histórica. Para uns quantos, foi isso mesmo; não teria passado de um mero golpe militar, para alguns outros.

Mas a nossa intenção ao escrever este apontamento, não foi jamais a de sentenciar «ex cathedra» qual a definição correcta, acima de tudo pela razão fundamental de que, em nosso entender, pecaria por extemporaneidade qualquer juízo de valor, já que o 25 de Abril não foi, mas ainda é.

Concordamos plenamente com a asserção de que uma revolução não se decreta, faz-se. E ganha-se ou perde-se. Esta a questão magna. Estamos perfeitamente cónscios de que a esmagadora maioria do nosso povo está interessado em ganhá-la. Nesse sentido, a sociedade portuguesa já sofreu transformações de vulto, mas existe ainda um longo e penoso caminho a trilhar — aquele que nos conduzirá rumo ao socialismo. Para atingirmos este desiderato é de fulcral importância que se opere uma «Revolução» na mentalidade das pessoas, onde sejam extirpadas todas as sequelas do fascismo.

Uma sociedade socialista — que se deseja eminentemente democrática e onde caibam todos os credos religiosos e políticos desde que não atraíem as mais elementares regras do jogo democrático — constrói-se na luta quotidiana, com a participação efectiva de todos, mas de TO-

DOS. Não mais egocentrismos estéreos. Não mais rixas fúteis, onde o ódio aflora e nos transforma em seres insociáveis! NÃO, definitivamente, ao «homo homini lupus!» Saibamos, SIM, edificar um Portugal mais digno, com mais justiça social, em que todos possamos viver em paz em igualdade e fraternidade. Esta é a grande Revolução psicológica, cultural, que terá de ser, necessariamente, o suporte da revolução política.

Escreve ADELINO COUTO

Nestes quase dois conturbados anos já se fizeram conquistas históricas. Mas elas poderão desaparecer, de um momento para o outro, se acaso o povo não fizer de si próprio, a sua melhor sentinela. Urge, pois, defender (lutando) e, fundamentalmente consolidar (robustecendo) essas conquistas.

Esta a tarefa histórica das grandes massas trabalhadoras que, através da sua dinâmica, do seu espírito de militância revolucionária, terão de ser o sustentáculo de qualquer revolução.

É neste contexto que opinamos não ser o 25 de Abril AINDA uma revolução, mas poderá vir a sê-lo. E mais: para que fique indelevelmente gravado na História como um marco de grata recordação, ele terá de ter sido, infalivelmente, revolução.

Ao Povo português caberá a derradeira resposta.

Câmara Municipal do Espinho
Rua -17
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO